

1a. PARTE — ESTUDOS

OS 90 ANOS DA PADARIA ESPIRITUAL

Sânzio de Azevedo

O grêmio do Café Java

QUANDO, em janeiro de 1890, o jornal humorístico **O Bond** falava do “grêmio do Café Java”, referia-se, sem dúvida, ao embrião da Padaria Espiritual, que surgiria dois anos mais tarde, para ser uma das mais originais agremiações do Ceará e do Brasil. Foi efetivamente no Café Java, de Mané Coco, na Praça do Ferreira, que nasceu a idéia da criação do grêmio: Antônio Sales, Ulisses Bezerra, Lopes Filho, Álvaro Martins, Temístocles Machado, Tibúrcio de Freitas e Sabino Batista ali se reuniam. Segundo o depoimento de Sales (**Retratos e Lembranças** — 1938), Ulisses e Sabino queriam fundar uma associação literária, mas justamente Antônio Sales se opunha à criação de um grupo que fosse como uma “academia-mirim, burguesa, retórica e quase burocrática”. Afinal, todos concordaram com algo novo, que repercutisse lá fora, ficando Sales encarregado de achar o nome da agremiação. Surgiu daí a Padaria Espiritual, da qual foi o poeta dos **Versos Diversos** não só idealizador do nome, mas também autor do Programa de Instalação, e indubitavelmente uma de suas principais figuras.

Deu-se a instalação da “Padaria” no dia 30 de maio de 1892 (há 90 anos, portanto), não no Café Java, mas no n.º 105 da Rua Formosa, hoje Rua Barão do Rio Branco, rua onde os “padeiros” teriam mais duas sedes, nos 106 e 11. Não abandonaram porém o local dos primeiros encontros, e Sales, no citado livro, relembra: “Nos dias em que não nos reuníamos no Forno, íamos para o Java, não para o pavilhão comum, mas para um pitoresco quiosque que o Mané Coco preparara ao lado para nosso gozo exclusivo”.

O Programa de Instalação

Uma das principais causas do estrondoso êxito da “Padaria” dentro e fora do Estado foi o seu **Programa de Instalação**, que por sua originalidade chegou a ser transcrito na íntegra por um jornal do Rio de Janeiro. Pelo primeiro dos seus 48 artigos, cria-se “uma sociedade de rapazes de Letras e Artes denominada Padaria Espiritual, cujo fim é fornecer pão de espírito aos sócios em particular e aos povos em geral”. Com efeito, abrigava homens de letras, como Antônio Sales, Alvaro Martins, Adolfo Caminha ou Lívio Barreto, mas também músicos como Henrique Jorge e seu irmão Carlos Vítor, além de um pintor, Luís Sá. Houve até quem não fosse escritor, nem músico, nem pintor: Joaquim Vitoriano, que, segundo Leonardo Mota, em **A Padaria Espiritual** (1938), entrou para o grêmio unicamente por causa da coragem que tinha, sendo assim uma espécie de guarda-costas dos companheiros...

Pelo artigo 2 vemos que a “Padaria Espiritual se comporá de um Padeiro-mor (presidente), de dois Forneiros (secretários), de um Gaveta (tesoureiro), de um Guarda-livros, na acepção intrínseca da palavra (bibliotecário), de um Investigador das Cousas e das Gentes, que se chamará — Olho da Providência, e demais Amassadores (sócios).” Todos eram “padeiros”, sendo que, fundado o grêmio com 20 sócios, os que ingressassem depois teriam a denominação de “Padeiros livres”, e deveriam apresentar uma peça literária para garantir seu lugar no grêmio.

Segundo o artigo 6, todos têm um “nome de guerra”, criptônimo bastante usado nos primeiros tempos e depois gradativamente abandonado: assim, Antônio Sales era “Moacir Jurema”; Jovino Guedes, “Venceslau Tupiniquim”; Ulisses Bezerra, “Frigolinho Cata-vento”; Adolfo Caminha, “Félix Guanabarrino”; Alvaro Martins, “Policarpo Estouro”; Henrique Jorge, “Sarasate Mirim”; Joaquim Vitoriano, “Paulo Kandalaskaia”; Lívio Barreto, “Lucas Bizarro”, etc.

Era proibido aos “padeiros”, pelo artigo 11, usar em suas dissertações “o tom oratório, sob pena de vaia”, enquanto que o artigo 14 vedava o “uso de palavras estranhas à língua vernácula, sendo porém permitido o emprego dos neologismos do

Dr. Castro Lopes”. Este médico e gramático carioca havia criado palavras como “preconício”, para substituir **réclame**, “nasóculos”, para ser usado no lugar de **pince-nez**, “convescote” (**pic-nic**), “runimol” (**avalanche**), etc.

Qualquer referência à rosa de Malherbe era proibida pelo artigo 19, que também vedava aos do grupo “escrever nas folhas mais ou menos perfumadas dos álbuns”. Vê-se que os “padeiros”, que aliás também não podiam recitar ao piano (artigo 28), se insurgiam contra tudo quanto cheirasse a coisa excessivamente gasta ou piegas. O que não impedia que, sem fazer tábula rasa de tudo quanto viesse do passado, rendessem homenagem aos grandes vultos das letras universais, visto como, no artigo 20, era permitido conservar o chapéu na cabeça, “exceto quando se falar em Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar”.

De extraordinária importância é o artigo 21, pelo qual “Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhos à Fauna e à Flora brasileiras, como cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc. etc.”, o que haveria de ser, uns 30 anos depois, uma das preocupações de Monteiro Lobato e dos revolucionários da Semana de Arte Moderna de São Paulo.

Esta “Padaria” que, ainda por seu Programa, considerava seus inimigos naturais “os padres, os alfaiates e a polícia” (artigo 26), que prometia um cancionário popular (artigo 34), um livro com as aventuras do famoso Padre Verdeixa, alcunhado o “Canoa Doida” (artigo 36), bem como, cada ano, “um almanaque ilustrado do Ceará, contendo indicações úteis e inúteis, primores literários e anúncios de bacalhau” (artigo 37), não pôde cumprir grande parte do que prometera, mas conseguiu, como anunciara no artigo 35, publicar, embora com dificuldade, seu periódico, naturalmente intitulado **O Pão**.

As duas fases do grêmio

D’O Pão, cuja coleção completa acaba de ser publicada em edição fac-similar, graças ao dinamismo de Cláudio Martins, Presidente da Academia Cearense de Letras, que teve o apoio da Universidade Federal do Ceará e da Prefeitura Municipal de

Fortaleza, desse jornal, saíram 36 números, os seis primeiros em 1892, e 30, em tamanho maior, em 1895 e 1896. Antônio Sales, no **Retrospecto** dos feitos da Padaria Espiritual (1894), haveria de confessar que “essa folha era menos o veículo literário da Padaria do que uma válvula para a pilhéria petulante que se fazia lá dentro”. O que não impedia que, ao lado das anedotas e dos versos chistosos, aparecesse um poema belo e sentido como “Náufrago”, de Lucas Bizarro (Lívio Barreto), estampado no primeiro número do periódico, na mesma página de “O Frio”, malicioso micropoema de Antônio Sales, que assinou apenas M., isto é, Moacir Jurema...

As duas fases d'**O Pão** correspondem de certa forma às duas fases que teve o grêmio, pois, em 1894, ameaçada de extinção, a “Padaria” foi reorganizada, havendo perdido alguns dos primitivos membros, por morte (Joaquim Vitoriano), por expatriamento (José de Moura Cavalcante), ou por expulsão (Álvaro Martins), mas seria robustecida “pela aquisição de novos obreiros”, como se diz no número 7 do periódico, primeiro da segunda fase. Aos 20 sócios da primeira hora, aos quais, ainda em 1892, se somou o nome de Antônio de Castro (Aurélio Sanhaçu), acrescentem-se os nomes de mais 13, dentre os quais José Carlos Júnior (Bruno Jaci), Rodolfo Teófilo (Marcos Serrano), Antônio Bezerra (André Carnaúba), José Carvalho (Cariri Braúna), X. de Castro (Bento Pesqueiro) e outros.

A primeira fase da Padaria Espiritual foi mais cheia de verve humorística, timbrando pela pilhéria, e até pelo escândalo, sendo a segunda menos brincalhona, mais voltada para o trabalho. Mas, como deixamos claro na Introdução que escrevemos para a citada edição fac-similar do jornal dos “padeiros”, não é lícito falar em termos absolutos: na primeira fase, houve mais brincadeira, e menos trabalho; na segunda, mais trabalho, e menos brincadeira.

Foram Padeiros-mores (Presidentes) Jovino Guedes (1892-1894), José Carlos Júnior (1894-1896) e Rodolfo Teófilo (1896-1898). Antônio Sales, mola-mestra do grêmio, que fez questão de ser sempre Primeiro-forneiro (Secretário), exerceu as funções de Padeiro-mor interinamente em 1892, quando da sessão

de instalação, e em 1894, por ocasião da reorganização do grêmio, antes da posse de José Carlos Júnior.

Ideologia dos “padeiros”

No interessante livro **A Província e o Naturalismo** (1966), José Ramos Tinhorão, buscando uma análise sócio-econômica das letras cearenses, afirma que “os intelectuais não aquinhoados com a distribuição de cargos administrativos, levada a efeito pelos beneficiários da República, iriam alardear a sua disponibilidade na Padaria Espiritual”. Adiante, após dizer que a “Padaria” se aburguesou em sua segunda fase, tentando os “padeiros” um intercâmbio com escritores do Sul do País, afirma que só na segunda fase Antônio Bezerra se aproximara do grupo, do qual se afastara, quando convidado, juntamente com Justiniano de Serpa, José Lino, Leopoldo Brígido e João Lopes, em “seu início agressivo”.

Em tese que defendemos em setembro de 1980 na Faculdade de Letras da UFRJ, intitulada **A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará**, discordamos dessas afirmações do crítico, e acentuamos que nem todos os “padeiros” poderiam ser considerados marginalizados, visto que Sales, sua figura central, era funcionário público, logo chegando a Secretário do Interior, e Jovino Guedes, primeiro Padeiro-mor, era professor do Liceu e deputado à Assembléia Legislativa. Quanto ao intercâmbio entre “padeiros” e escritores do Sul, isso já vinha dos primeiros tempos, como não se desconhece. No que toca ao aburguesamento da “Padaria”, caso tenha existido de fato, não teria sido a causa do ingresso de Antônio Bezerra, porque na verdade a não entrada de Serpa, José Lino, João Lopes e Brígido ocorreu, mas não no “início agressivo”, do grêmio, em 1892, e sim em 1895, precisamente quando, no dizer do crítico, a “Padaria” estava aburguesada...

Igualmente não pudemos concordar com Pedro Nava que, em seu excelente **Baú de Ossos** (1972), depois de aproximar os sintagmas “padeiros-livres” e “pedreiros-livres”, dizendo ser a sociedade “irreligiosa, anticlerical, vagamente comteana”, mas também “meio secreta, meio fraternal, um tanto maçônica”, afirma: “A Padaria era extremista, socializante, leve-

mente anarquista". Não obstante a habilidade com que o grande escritor conduz sua argumentação, não cremos que esse anarquismo dos "padeiros" fosse além da boêmia do espírito. Mesmo porque realmente houve mudança na segunda fase, embora não tão radical quanto se pensa geralmente. E Pedro Nava, ao falar de dois "padeiros" que conheceu, refere-se a Antônio Sales (seu tio afim), que definia sua classe como a dos "proletários intelectuais", e que escrevera um artigo sobre "Socialismo no Brasil", em **A Nação**, mas já no Rio de Janeiro, depois de 1896, adiantamos nós; e refere-se também a Rodolfo Teófilo, com seu "socialismo inédito, uma sorte de **tolstoísmo** em que ele e a mulher se despojavam para repartirem tudo" em ajuda ao povo. Não podemos esquecer porém que o romancista d'**Os Brilhantes** é da segunda fase da "Padaria", quando já não se propalava tanto ódio ao burguês. E os nomes de guerra, que, para o autor de **Baú de Ossos**, sugerem, na maioria, belicosidade, já não tinham então a força dos primeiros tempos, e como dissemos começavam a ser desprezados. Por outro lado, Antônio Sales, sempre desassombrado e honesto, morreu em 1940, quase meio século depois da fundação do ruidoso grêmio, e jamais fez menção a qualquer intuito ideológico dos "padeiros".

Lendo tudo quanto os "padeiros" publicaram durante a existência de seu grêmio, de 1892 a 1898, podemos concluir que, apesar de certa heterogeneidade estilística, os rapazes do Forno, principalmente nos primeiros tempos, lutavam contra tudo o que fosse ultrapassado e, sempre que podiam, usavam como arma o riso, atingindo a uma originalidade que torna a Padaria Espiritual precursora de certas posições assumidas 30 anos depois pelo Modernismo.

Havendo exercido influência "inquestionavelmente benéfica e fecunda", como observou Dolor Barreira em sua **História da Literatura Cearense** (1948), a Padaria Espiritual, que congregou remanescentes do Romantismo (como Alvaro Martins e Sabino Batista), representantes do Naturalismo (como Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo), do Realismo (Antônio Sales e X de Castro) e do Simbolismo (Lopes Filho e Lívio Barreto), encarnou "o áureo período em que a atenção da intelectualidade brasileira se voltou, amorável e curiosa, para a terra de Ira-

cema”, segundo a justa afirmação de Leonardo Mota, em **A Padaria Espiritual** (1938).

Por tudo isso é que concordamos com Pedro Nava, quando, na obra citada, tratando do fim das atividades do grêmio de Moacir Jurema, em 1898, afirmou haver terminado então “a mais viva aventura literária do Ceará”.